

EMPENHO E OUTROS SENTIDOS

Manoel Ricardo de Lima

Revista SIBILA

(abre)

Este ano um dos espaços mais interessantes e reconhecidos do país para a produção e o pensamento da arte contemporânea, o Torreão, completou sete anos. Localizado em Porto Alegre, RS, na charmosa rua Santa Teresinha, n. 79, e coordenado pelos artistas plásticos Elida Tessler e Jailton Moreira, recebeu para abrir exposição na data comemorativa o artista cearense Eduardo Frota.

"Eu não quero dizer nada com meu trabalho.

Eu quero apenas fazer."

Eduardo Frota

(artigo)

Pouco seria ousar dizer ainda sobre arte e como desfazer dela a fruição de interromper o andar normativo e narrativo do sujeito neste mundo, revirá-lo de ponta cabeça e fazê-lo tomar outro sentido para sua existência. E a isto, assim, é que, a meu ver, seja atribuído um caráter de pensamento. Que o objeto tenha e carregue em si esta ideia para que possa, desta forma, delicadamente ainda, levar para dentro de cada um dos que o olham um princípio novo, ou minimamente um problema dos bons. O trabalho que Eduardo Frota montou no Torreão é um desses.

Lugar de passagem e de pensamento, o Torreão abriga pessoas que denotam elaborar seus trabalhos com uma proliferação do que poderia ser chamado de empenho. Não acho palavra melhor, empenho mesmo. Conviver ali é saber um

pouco o que é tomar para si, de cada passante, de cada exposição que há, este sentido do empenho. Não só por isso, o fato de também ser um lugar não-institucional e de procurar propor a cada artista que vai até lá uma idéia de limite, de extrapolar este limite.

E aí que entro com minha pretensa ousadia: em tratar limite, Eduardo Frota foi ótimo nome. Primeiro, porque sei que toma como ideia para seu trabalho uma espécie de tripé que dialoga com: o espaço físico (em uma ideia de função desse espaço); o sujeito (em deslocamento e passagem) e a arte (como pensar isto ainda?). Monta-se sobre este tripé carregando a sua ideia central de limite: fazer nele, arriscar nele, romper nele. E, principalmente, uma serena dignidade com seu trabalho. Com isto, pensar então a arte sem enaltecer sua condição, a de pedestal, mas pensar a possibilidade de que ela aconteça no próprio trabalho, sem precisar discurso, sem função normativa, como se, e só assim, um limite também de vida.

O trabalho que Eduardo montou no Torreão é uma de suas últimas elaborações de peça. Foram três anos pensando o trabalho e seis meses para montá-lo. Com esta peça atravessa o lugar, entre tensão e dobras retorcidas, percorre, pela escada – lugar de passagem –, do térreo até a torre, por três lances, sendo o último deles, mais estreito, onde passa apenas uma pessoa, e lentamente. Há nisso, creio eu, um arrebatarse como artista, um jogar-se no mundo e no fazer o trabalho. Uma concepção de trabalho que esbarra até e também no limite físico. Carregá-lo de experiência, do tal empenho e de sentido outro. Todo o processo de feitura da peça, do objeto, passa a ter, em si, uma espécie de subversão de vida, uma subversão com o lugar, uma subversão com a passagem.

Um outro cume que este pressuposto de limite tem é o espalhar da arte como pensamento e projeto. E creio que isto se dá porque Eduardo Frota toma também nos outros sentidos que procura estabelecer em seu trabalho, uma espécie de banimento de qualquer resquício de regionalismo. Estar em qualquer lugar, expor em qualquer lugar, o que passa a interessar é o fazer, *fabbro*. Daí, deslocar em todos os sentidos, e não só na forma. O que também gera e provoca um deslocamento interno, no próprio artista, algo como "passar por mim mesmo", sem ser romântico, sem ser historicista de linha evolutiva. Algo como uma obsessão. Construir a escultura sem pensar apenas no volume, sem a apologia do peso. Ser construtivo sem ser ortodoxo. Buscar estas fendas.

Um outro problema que o trabalho de Eduardo, e mais exatamente este do Torreão nos traz, é o de pensar a questão humanista da arte; a ideia lá, de dignidade, juntamente com o pensamento da produção da arte e da cultura. Pensar arte como cultura, num sentido de risco, de registro de uma força. A peça de Eduardo exposta no Torreão é carregada de força, de embate, de desgaste do corpo: dela, do artista. A potencialização de um esvaziamento. É vazada, por ela passa o vento, que se materializa, que é víscera. Uma porrada para dentro, outra para fora.

Penso sempre na possibilidade de mesquinhar e pequenez da qual se enche uma boa parcela da arte brasileira contemporânea, que perde critério se dizendo pós-moderna, do poema ao objeto, do objeto até a imagem. E me enriqueço dela, da impossibilidade, porque me arreata pensar, humanizando o fato, na des-função maravilhosa que um trabalho de um verdadeiro artista possa nos trazer: deixar em silêncio toda a nossa fragilidade, porque podemos ouvir de alguém que algo na vida ainda pode ser um dado de

densidade. E isto, penso eu, só uma manifestação prenhe, como se o trabalho não comportasse existir, não comportasse o próprio sujeito, acometida de sentidos novos e desafiadores, e empenho, pode ainda causar ao ser humano.

Penso na importância da contribuição que espaços como o Torreão estão dando para o pensamento da arte no país. Penso na importância de se ter, com leveza, e em silêncio, trabalhos como os de Eduardo Frola, que nos fazem repensar caráter: ser ético e tomar como empenho e sentido a ideia mais simples para que a arte sobreviva: a do risco.

TORREÃO – PORTO ALEGRE/RS - 2000

MANOEL RICARDO DE LIMA